

LUGARES QUE INSPIRAM PAZ EM RECIFE

Adriana Carla de Alquino¹

RESUMO

O presente artigo trata-se do relato de uma experiência que foi realizada com estudantes do nono ano no Ensino Fundamental, da Escola Alto dos Guararapes, no Bairro de Prazeres, no município de Jaboatão, Região Metropolitana de Recife – PE. Diante da solicitação da direção da escola de trabalharmos com o tema Paz para a feira cultural da Instituição, ano 2009, resolvemos dar um tema específico para a matéria de Artes: “A Representação ao Longo da História das Artes”. Entre as atividades que fizemos como parte dessa pesquisa, visitamos lugares que inspiram paz na cidade de Recife, capital do nosso Estado. Conversando com os e as estudantes, montamos um roteiro de lugares artísticos que para nós tem a ideia de paz e são lugares que tem uma relação com a arte. O objetivo era visitar lugares expositivos antes não visitados por nós, relacionando-os com a ideia de paz que elaboramos ver e fazer arte nos traz paz. Além das visitas, os/as estudantes fizeram relatórios sobre suas impressões das visitas aos lugares, participamos de debates na sala de aula e apresentamos nossas fotos na feira cultural. Tivemos a oportunidade de vivenciar um novo conceito de paz e de arte.

Palavras-chave: Arte, Paz, Lugares Expositivos, Recife.

TITLE

Places that inspire peace in Recife

ABSTRACT

This article is from the report of an experiment that was conducted with students in ninth grade in the Elementary School, High School Alto dos Guararapes, a district of Prazeres in the city of Jaboatão, Metropolitan Region of Recife - PE. Before the request of school administrators to work with the Peace theme for

¹ Professora de Artes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da Instituição: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.
Estudante de Especialização em Arte/Educação na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.
Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

the fair's cultural institution in 2009, we decided to give a specific theme for the field of Arts: "The Representation of Long History of Arts." Among the activities we did as part of this research, we visited places that inspire peace in the city of Recife, capital of our state. Talking to them and the students built a script that places art for us is the idea of peace, which for us are places that have a relationship with art. The goal was to visit places not previously visited exhibition for us, relating them to the idea of peace we prepare to see and make art brings us peace. In addition to the visitations, the students were reporting on their impressions of visits to places, participate in discussions in the classroom and present our pictures at a cultural fair. We had the opportunity to experience a new concept of peace and art.

Keywords: Art, Peace, Exhibition Place, Recife.

“Paz, aqui, não é tomada num sentido banal, piegas. Ninguém imagina que basta todos vestirem branco e se dar as mãos para que a paz universal envolva pessoas e animais, montanhas e oceanos. A paz é uma conquista, fruto de esforços diplomáticos, é conciliação entre poderosos, é acordo entre iguais e desiguais. É como política, a arte do possível “.
(Demétrio Magnoli)¹

Ao iniciar o nosso trabalho com estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, em 2009, fomos surpreendidos com o pedido da direção de escolhermos um tema sobre direitos humanos. Escolhemos o tema “Paz” e tivemos a oportuna ideia de em vez de usar arte como meio, invertemos a ordem, colocando o tema a serviço da arte. Criamos o tema: “A representação da Paz ao longo da História da Arte”.

Como parte dessa pesquisa, tivemos várias etapas e atividades. Uma delas foi um roteiro de visitas a lugares que nos inspiram paz. Saímos do bairro de Prazeres, onde está localizada a Escola Alto dos Guararapes e onde os e as estudantes moram.

Notas:

1. MAGNOLI, Demétrio (org.). História da Paz. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7.

REVISTA EDUCAÇÃO ARTE E INCLUSÃO

Trajetórias de Pesquisa

Saímos da Estação de Metrô Prazeres com Destino à Estação Recife, onde descemos e caminhamos à Casa da Cultura. Antes de chegar ao antigo presídio, os estudantes ficaram impressionados com o mangue do Rio Capibaribe que fica no percurso. Eu não incluí o mangue no roteiro, mas eles e elas o fizeram. Ficaram um tempo observando a vegetação, o rio, aquela parte da cidade do Recife.

Chegamos então à Casa da Cultura, um Centro Comercial de “artes” regionais, inclusive trabalhos feitos em Recife. Porém, ela foi presídio nos séculos XIX e século XX. Foi por esse motivo que incluímos o prédio no roteiro. Antes, era uma construção que tolhia a liberdade e hoje é uma espécie de Shopping com diversas lojas que expõem o espírito criador que liberta, dando-nos paz.

Os/as estudantes exploraram as várias direções do prédio. Espontaneamente, eles/elas escolheram o anfiteatro que fica ao ar livre para lancharem e então pudemos seguir com nossas visitas.

A Casa de Cultura possui um enorme “acervo” de artes, começando com produtos regionais para venda, como rendas, camisetas, gravuras, etc. E há também trabalhos artísticos que não são para venda, como dois painéis de Cícero Dias, pintor Pernambucano que morava em Paris, França, há quase cinquenta anos.

Após o lanche, seguimos o Rio Capibaribe, tendo uma vista privilegiada da cidade. Estávamos nos direcionando para o nosso próximo “lugar de arte” que escolhemos para visitar. Ao lembrar-nos da importância do rio para nossa visita e para a cidade do Recife, não podemos deixar de citar o conceito de mediação enfatizado pela professora Elizabeth Caillet no livro “Arte/Educação como mediação cultural e social” (2009):

“A fim de situar o trabalho de mediação, é importante aproximá-lo de uma problemática da política cultural, procedente das reflexões de Hannah Arendt das quais aqui citamos apenas algumas frases, manifestando que o “entre dois” da mediação é posto conjuntamente, designado pelo belo termo *passer*”.

A tradutora do texto, a professora Rejane Coutinho, escreve a seguinte nota: “O termo *passer* em francês pode ser traduzido literalmente por

barqueiro (aquele que conduz o barco de uma margem a outra, ou de um porto a outro), e traz para o campo da mediação a ideia de passagem”.

Sabemos que a ideia é uma metafórica, porém no nosso caso, tivemos o rio Capibaribe com um “mediador” do nosso roteiro de visitas.

Seguindo o rio, passamos pela Agência dos Correios, onde avistamos um banner com a imagem de Dom Helder Câmara soltando uma pomba, com a frase: “O Pastor da Paz”. Tratava-se do lançamento do selo comemorativo do centenário de nascimento daquele que fora arcebispo das cidades de Olinda e Recife. Paramos para comprar uma folha contendo 30 selos do nosso “Pastor da Paz”, que serviria como material para nossa apresentação na feira cultural.

A pomba foi adotada por nós como símbolo da paz, não apenas como modelo da moda adotada pela “massa”, mas com uma atitude reflexiva e artística, tomando a pesquisa do artista Pablo Picasso que fez vários estudos sobre a pomba da paz.

Inclusive, o material que demos como “lembrança” na feira cultural, foi a imagem de Dom Helder Câmara soltando a pomba.

Prosseguindo com as nossas visitas, passamos por uma parte bem importante do Recife, o local onde se concentram prédios como o antigo Liceu de Artes, o Teatro Santa Isabel, o Palácio das Princesas. Atravessamos a Ponte Princesa Isabel, para enfim encontrar o Monumento Tortura Nunca Mais. Os/as estudantes quando viram a escultura de um homem encurvado e aprisionado há um ferro, disseram: “Só isso?”.

Foi quando tive que “personificar” a ideia de mediação acima citada, em que acredito, como passagem de uma margem a outra. Conversei com meus/minhas estudantes sobre o que ocorrera na “Ditadura”, das torturas que pessoas sofreram por discordar das posições políticas do poder estabelecido.

Falei também que “Tortura Nunca Mais” é uma Organização Não Governamental – ONG que encomendou aquele projeto de arquitetura para mostrar à população um fato real e horrível que aconteceu como denúncia e desejo para que fatos como esse jamais aconteçam novamente no Brasil e no mundo.

Dessa vez, fui eu quem fez questão de demorar um pouco mais naquele local, tirando fotos, escrevendo dizeres de outros monumentos no meu caderno, conversando sobre aquele local onde estávamos.

Após visitarmos o monumento “Tortura Nunca Mais”, fomos para o Parque Treze de Maio, que foi escolhido por ser um espaço verde dando-nos paz, por ter no local esculturas, pinturas. O parque está localizado em frente à biblioteca Pública Estadual que possui uma cerâmica do artista Francisco Brennand.

Os/as estudantes ficaram encantados/encantadas com o espaço, os brinquedos, as árvores e o espírito de liberdade que o parque inspirava. Naturalmente, eles/elas escolheram o local para almoçar. Passamos, aproximadamente, duas horas no Parque Treze de Maio. Nós conversamos sobre o espaço, sobre nossas vidas, sobre os próximos locais que visitaríamos e os/as estudantes se locomoveram livremente pelo parque naquelas duas horas.

Tivemos certa dificuldade de sair do parque porque houve uma empatia entre eles/elas e aquele parque. Porém, conseguimos sair do local, atravessar a ponte e chegarmos do “outro lado” do Recife.

Aconteceu um fato inusitado, uma das estudantes quebrou uma de suas sandálias, ficando descalça. Eram aproximadamente 14h (catorze horas) e a estudante estava queimando os pés. Fomos até um local de comércio informal e compramos um par de sandálias para ela.

O fato interessante se deu porque todos nós fomos afetados pelo mesmo e um dos estudantes citou o ocorrido no relatório que ele escreveu após as visitas.

Atravessamos mais uma ponte, agora na direção do Recife Antigo e do Marco Zero da cidade. A nossa próxima parada foi o Centro Cultural dos Correios. É um prédio de três andares. Vimos cinco exposições: “Estava Escrito nas Estrelas”, primeiros anos da travessia aérea do Oceano Atlântico, feito por aviadores portugueses em 1927; “Recife Cartum Postal”, do artista plástico maranhense Terciano Torres, apresenta mapas e gravuras estilizados da cidade; “Calígrafo e Não Calígrafo”, do artista plástico e designer Cláudio Gil, resgata as diversas formas de expressão ligadas às novas tecnologias;

“Zoológicos”, de José Carlos Viana, celebrando os quarenta e cinco anos profissionais do artista; “40 Anos da ECT em 346 Anos de História – Correios, Levando o Brasil à Frente”.

Nós interagimos com os objetos, pinturas nas exposições, tiramos fotos e nos deslocamos pelos três andares e térreo. Fomos muito bem tratados pelos funcionários do Centro Cultural dos Correios.

O Centro Cultural Banco Real foi o local que inspira paz que visitamos a seguir. Os/as estudantes estavam um pouco cansados e como a mediação se dava de forma mais tradicional, ou seja, o casal de mediadores que nos recebeu, usava a conversa como recurso, mas adotava “suas verdades” como norma para uma boa mediação.

Percebendo o cansaço dos/das estudantes, despediu-nos com simpatia. Na verdade, queríamos uma mediação espontânea, mas os mediadores quiseram conversar com os/as estudantes.

A exposição era “A Ambição do Desenho”, de Kilian Glasner. As obras eram desenhos em tamanhos grandes, a sala inspirava um ambiente calmo e era abrigada num prédio do Recife Antigo.

Nossa próxima visita foi na Sinagoga Kahal Zur Israel. O único espaço expositivo que tivemos que pagar o ingresso para entrar no local. Para nós foi um investimento, mesmo sabendo que os/as estudantes não teriam como dispor do valor de R\$ 2,00 (dois reais). Nós conseguimos o valor para as quatorze pessoas por acreditar que a intolerância religiosa é um dos motivos de não termos a garantia da paz.

A sinagoga possui vários espaços, objetos, registros de valor religioso e histórico, sem deixar de ser artístico. Pudemos ver o mikvah (local de banho para fins de purificação), o templo, conhecer a história da primeira sinagoga das Américas, conhecer sobre o Teatro Ídiche (Teatro Judaico), enfim conhecer uma outra cultura.

Finalmente, o último local que visitamos foi o Parque das Esculturas de Francisco Brennand. Fomos até o Marco Zero, onde está a Rosas dos Ventos do pintor Cícero Dias e um grupo de quatro estudantes mais a professora, atravessamos o braço de mar e chegamos ao parque que possui cerâmicas lindas de Francisco Brennand.

Nós cinco ficamos encantados com tanta beleza: as “esculturas” de Brennand e a visão que temos do mar do bairro do Pina. Além da vista que podemos desfrutar do Bairro do Recife ou como é chamado de Recife Antigo.

A outra parte do grupo ficou no Marco Zero, desfrutando do espaço repleto de vento, olhando para nós que estávamos no Parque da Escultura, vendo o mar e aproveitando todo o encanto do Recife Antigo.

Após o “passeio” de barco, saímos caminhando do Recife Antigo, atravessamos mais uma ponte para chegarmos à Estação de Metrô Recife, porém no caminho, ainda vislumbramos igrejas históricas de Recife, barrocas, como a Igreja do Carmo e outras que ficam próximas.

Creio que os/as estudantes tiveram um dia repleto de conteúdos artísticos e lugares que lhes inspiraram paz. O caminho fora sempre “regado” de diálogos sobre o que estávamos vivendo e experienciando.

Chegamos à Estação Recife às 17h30min., pegamos o trem com destino à Estação Prazeres e fomos desfrutando de mais uma viagem que foi desvendando a cidade de Recife, adentrando na cidade Jaboatão, Região Metropolitana do Recife.

Eram um pouco mais de 18h quando chegamos ao nosso local de origem, o bairro de Prazeres. Madre Tereza de Calcutá citou em um de seus poemas que uma satisfação era o dever cumprido. Como professora, eu me sentia como ela no poema. Tinha feito o que propunha no planejamento e com ajuda dos meus/minhas estudantes.

Cada participante daquela “viagem” foi para seu lar repleto de uma bagagem de imagens, de obras de arte, de cidades, mares, rios, selos, conceitos de paz, de museus, desenhos, pinturas, parques, torturas, esculturas, de artes, de oportunidades...

Na sala de aula, após essas visitas, os/as estudantes redigiram seus relatórios, contando sobre sua impressão acerca dos lugares que inspiravam paz para eles/elas:

Breno Paulo, de 18 anos, escreveu no seu relatório que: “Nós gostamos muito da Casa da Cultura, ela era uma prisão e hoje é uma das mais bonitas casa de cultura do Estado de Pernambuco...”.

Elis Regina, de 17 anos diz que: “...a Casa de Cultura é o grande Centro de Arte Popular Pernambucana...ela foi reinaugurada depois de passar por uma reforma estrutural...eu visitei os correios e lá eu vi muita coisa bacana...”.

Jailson Salustiano, de 14 anos fala que: “ Eu achei o passeio super massa porque visitei lugares muito legais. Andei muito, mas foi divertido...eu nunca visitei lugares tão longe...”.

No seu relatório, Janaina Dias, de 15 anos escreveu: “Eu achei muito interessante a Casa da Cultura, a criatividade que eles fizeram para os turistas. O Centro Cultural dos Correios eu também achei muito legal...gostei quando andamos pela cidade e vimos peixes, um mais lindo que o outro...”.

Juliana Santos, de 13 anos, contou que: “Gostei muito do passeio porque conhecemos muitos lugares, gostei muito de andar no Recife, mas o que eu mais gostei foi quando nós andamos de barco, nunca tinha andado...”.

Rafael Barbosa, de 15 anos, escreveu que: “Foi um passeio muito especial para mim, porque foi muito bom conhecer os pontos turísticos de Recife porque eu ainda não tinha conhecido tudo...todos os alunos se comportaram, passamos o dia todo lá...”.

Rafael ainda complementa: “Visitamos a Casa da Cultura, o (monumento) Tortura Nunca Mais, o Centro Cultural do Correios, Instituto Cultural, Instituto Cultural Banco Real, a Sinagoga e o Marco Zero...”.

Rodolfo Barbosa escreveu: “O passeio da cidade foi uma boa experiência... andamos pela ponte que fica o Galo da Madrugada (bloco de carnaval do Recife), tiramos muitas fotos, foi um passeio que conhecemos bastante lugares...”

Tainá Silva, 15 anos, diz que: “...andamos de barco para conhecer as obras de Francisco Brennand e foi muito bom. Eu me diverti muito com os meus amigos colegas e também conheci muitas pessoas legais”.

Taisy Moreira, 15 anos, fez um relato de todos os lugares que visitamos, porém sobre a sinagoga ela falou: “A gente foi para a Sinagoga dos Judeus. Um lugar cheios de descobertas que antigamente os judeus viviam, foi muito interessante, eu nunca tinha ido num lugar assim...”.

Treze estudantes de uma turma com trinta participaram dessa atividade, mas apenas nove fizeram o relatório. Tivemos oportunidade de compartilhar

com o restante da turma, as experiências vivenciadas no “Roteiro de Visitas a Lugares que Inspiram Paz”.

Após os trabalhos com o roteiro de visitas, passamos a outras atividades do tema geral que foi “A representação da paz ao longo da História da Arte”, para enfim, apresentarmos o processo e resultados na feira cultural.

O que para nós foi mais salutar nessa experiência, foi o acesso que os/as estudantes tiveram aos bens materiais e imateriais da cidade de Recife. Podemos notar nos fragmentos dos seus relatórios que eles/elas falam de que “nunca foram tão longe”, “nunca viu lugar como a sinagoga”, entre outros relatos.

No seu livro “Diário de um Corpo a Corpo Pedagógico”, 1999, p. 23, o professor Marco Camarotti frisa a importância de apreciar e fazer arte: “A arte pode desempenhar um papel de grande importância na construção da vida humana e social. Ao apreciar e, principalmente, ao fazer arte, o ser humano torna-se capaz de uma inserção mais ativa e criadora no mundo e na sociedade”.

Os/as estudantes do nono ano da Escola Alto dos Guararapes passaram a entender melhor de arte, a interagir melhor com sua cultura quando começaram a investir nas visitas artísticas. Como professora, eu não tive maiores dificuldades de disciplinas com estudantes dessa turma.

O projeto “A representação da paz ao longo da História da Arte” fez com que os/as estudantes se integrassem no programa do componente curricular “Artes”, sem maiores problemas. Eles/elas construíram junto com a professora o programa para ser vivenciado durante o ano.

Apesar de apenas treze estudantes ter participado das visitas a lugares que inspiram paz na cidade de Recife, foi imprescindível ter esse contexto como integrante de nossos trabalhos, pois como diz Ana Ma Barbosa, no seu livro “A Imagem do Ensino da Arte”, 2009, p.XXXIII, diz: “Assim, o contexto se torna mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do criador”.

Voltamos das visitas aos lugares “artísticos” que inspiram paz imersos ao contexto mediador do roteiro que fizemos da Estação de Metrô Prazeres à Estação Recife, contagiando o grupo de estudantes que não puderam

participar da atividade de forma presencial, participando dos resultados na sala de aula.

Como professora de Artes da Escola Alto dos Guararapes, trabalho com visitas a espaços expositivos desde o ano de 2000, pois acredito que ver arte original transforma o sentido de ensinar e aprender arte.

A experiência de visitar vários lugares e não apenas uma exposição em certo prédio, ampliou o nosso olhar sobre a leitura de “obras de arte”, dando-nos uma compreensão mais profunda da arte.

Referências Bibliográficas

CAILLET, Elisabeth. “Políticas de emprego cultural e o ofício de mediação. In